A VIOLÊNCIA ESCOLAR, SUAS INTERFERÊNCIAS NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM E A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

ELIANE LEMOS DO NASCIMENTO

RESUMO

Por meio desse trabalho científico pode-se observar e apontar algumas dificuldades na aprendizagem, causadas pela violência escolar, que podem ser adquiridas domesticamente e a mediação de conflitos. Tem-se como objetivo refletir sobre as interferências da violência escolar no processo ensino aprendizagem e quais as mediações de conflitos podem ser tomadas dentro da escola para diminuição da violência escolar. Como metodologia esse artigo utiliza-se a abordagem qualitativa, enfocando a pesquisa bibliográfica, com autores que corroboram com o tema em questão. Utilizou-se como referencial teórico a concepção de vários educadores sobre o tema, bem como, as reflexões pessoais sobre o objeto a ser investigado. Se considerou também a análise da aquisição da leitura e da escrita e as contribuições dos educadores nas questões referentes aos problemas de violência escolar e suas interferências no processo ensino aprendizagem. Vale ressaltar a importância da mediação de conflitos para que a violência escolar seja cada vez menos presente nas escolas.

Palavras-chave: Dificuldades; Diminuição; Mediações.

INTRODUÇÃO

A relevância desse trabalho está em favorecer a reflexão e contribuir teoricamente com psicólogos, assistentes sociais, antropólogos e sociólogos, que desenvolvem atividades com sujeitos que são encaminhados pelo magistrado para acompanhamento psicossocial, devido a violência escolar e as dificuldades apresentadas durante o processo ensino aprendizagem.

O estudo da violência é desenvolvido em diversas áreas do conhecimento, como por exemplo, antropologia, sociologia, direito e psicologia, e em muitas áreas das ciências.

Pretende-se neste artigo, descrever a definição e um breve histórico da violência de um modo geral, sobretudo a doméstica, contra as crianças. Com isso, tanto facilitará o leitor a contextualizar e melhor compreender a temática dessa pesquisa como também demonstrar quais os fatos da história da sociedade que podem estar influenciando a violência dos pais na educação dos filhos.

Posteriormente, objetiva-se enfocar as contribuições teóricas que serão dominantes nesse trabalho. Haverá um panorama da teoria a ser consultada sobre o tema violência doméstica, que servirá de referencial para o aprofundamento desta pesquisa.

Refletindo sobre a violência, percebe-se que para responder o que a mesma significa devemos levar em conta os contextos sociais, pois estes significados são construídos pelos diversos grupos sociais de acordo com os diferentes momentos históricos, econômicos e culturais. Além do contexto histórico que modifica o significado de violência, existem, também, os diversos autores que discutem a violência sobre várias vertentes.

Nesse artigo, também se percebe a importância do profissional mediador de conflitos dentro da escola e o trabalho que ele deverá desenvolver dentro da comunidade escolar.

Algumas escolas acreditam que o diretor, o coordenador e até mesmo professores devem ser mediadores, mas é importante frisar que o ambiente escolar precisa de profissionais qualificados para determinada área, como profissionais com formação em mediação de conflitos.

Dessa forma, ascende a necessidade de que sejam desenvolvidas ações e estudos pertinentes sobre algumas situações que afetam o cotidiano da sala de aula, como é o caso da indisciplina. Todavia, tal medida implica em conhecer a expressão exata de disciplina, para, posteriormente, tomar as iniciativas que oportunizem a criação de caminhos seguros que convirjam a um fim satisfatório ao tratamento da situação.

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E ESCOLAR: SUAS INTERFERÊNCIAS NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

As consequências da violência doméstica podem ser muito sérias, pois crianças e adolescentes aprendem com cada situação que vivenciam, seu psicológico é condicionado pelo social e o primeiro grupo social que a criança e adolescente tem contato é a família. O meio familiar ainda é considerado um espaço privilegiado para o desenvolvimento físico, mental e psicológico de seus membros um lugar “sagrado” e desprovido de conflitos.

No entanto, para se chegar às raízes do problema da violência doméstica é necessário modificar esse mito de família, enquanto instituição intocável, para que os atos violentos ocorridos no contexto familiar não permaneçam no silêncio, mas sejam denunciados a autoridades competentes a fim de que se possam tomar providências.

É na relação em família que ocorrem os fatos mais expressivos da vida das pessoas, tais como a descoberta do afeto, da sub-

jetividade, da sexualidade, a experiência da vida, a formação de identidade social. A ideia de família refere-se a algo repleto de significados afetivos, de representações, opiniões, juízos, esperanças e frustrações.

Assim, falar de família é falar de algo que todos já experimentaram. É o espaço íntimo, ao qual seus integrantes procuram refúgio, sempre que se sentem ameaçados. No entanto, é no núcleo familiar que também acontecem situações que modificam para sempre a vida de um indivíduo, deixando marcas irreparáveis em sua existência, uma dessas situações é a violência doméstica contra criança e adolescente.

A violência na escola é reflexo do aumento da violência em todos os contextos sociais. Esse fenômeno social particular vem sendo noticiado desde o final do século passado pela mídia impressa e especificamente na mídia audiovisual desde o início do século XXI, onde notícias sobre esse fenômeno continuam sendo veiculadas no contexto escolar. Uma escola considerada como o segundo grande espaço de socialização humana, não escapou do flagelo que se expressa em todos os atores sociais do destino educacional, desde a educação infantil.

As relações violentas particulares e pouco publicadas que ocorrem na escola de educação infantil passaram a ser estudadas por diversas ciências como a psicologia, a sociologia, mais tarde pela educação, para tentar explicar o fenômeno particular da violência escolar e derivar de diferentes teorias, tais como: biológica, condicionamento, psicanalítico, frustração-agressão, habilidades sociais, contextual ou sociológica. A teoria contextual ou ecológica aborda a violência entre alunos como uma interação complexa entre as características das pessoas envolvidas e outros fatores que surgem de diferentes contextos em que os alunos se desenvolvem.

A violência injustificada surge inicialmente entre colegas que fazem muitas coisas juntos, devido à convivência que ocorre cotidianamente nos espaços escolares, e por esse motivo a educação infantil está sendo mais pesquisada em termos de agressividade. Diante dessa convivência, seria de se esperar que alguns amigos se desenvolvessem ou menos se tornassem amigos, pois espera-se que sentimentos e afetos positivos sejam gerados a partir dessas experiências conjuntas, mas nem sempre tão bem, pelo contrário, paradoxalmente, observa-se como surge um fenômeno de violência entre as crianças.

A família, como primeiro e mais importante contexto de socialização, permite que as crianças adquiram comportamentos que melhorem ou se ajustem necessários ao seu futuro desenvolvimento pessoal, escolar e social. Em muitas ocasiões, modelos familiares tornam-se um fator de risco para desencadear comportamentos agressivos, por exemplo, famílias negligentes, com famílias feias, que podem ser pouco familiares, ou com membros cujos pais não são claramente definidos.

Somam-isso as famílias que usam o castigo para importar a coabitação, famílias abusivas, famílias muito pobres, famílias com muitos filhos, reconstruídas por necessidade e não por amor, famílias com pais de comportamento delinquente, famílias que resolvem conflitos por meio da violência e famílias com problemas de drogas ou álcool. Essa violência também costuma ocorrer em famílias extremamente autoritárias ou punitivas, onde se aprende que o mais forte é aquele que detém o poder. Muito permissiva com disciplina inconsistente e cujo desconhecimento das necessidades de ambas as crianças produz sentimentos de inadequação no país e conflitos com as crianças.

Realmente são nas periferias onde se encontram os maiores índices de violência, crimes e expansão do tráfico de drogas, entretanto a pobreza não é o fator único e determinante para essas ações (grifo nosso), mas pode ser entendida como um fator contribuinte, gerado pela desigualdade social e caracterizado por seu estágio de acentuada miséria, “desgraça, infortúnio, má sorte, infelicidade, insignificância e avareza”. A pobreza é uma violência, mas não é a causa da violência, as variáveis geradas pela condição de pobreza podem estimular os atos violentos, mas a pobreza por si só não produz a violência (SOARES, 2004, p. 127-128).

Os fatores socioculturais, como elementos que influenciam o comportamento violento da criança, estão relacionados ao isolamento social, situação que leva a família a carecer de fontes de apoio e informação, além de pontos de referência na área afetiva e econômica. Uma família em que as condições de vida dominantes são a pobreza, a marginalização e a violência, fazendo desta última uma forma de aprovação social e uma forma de resolução de problemas de relacionamento, valores e atitudes negativas em relação à mulher, aos filhos e à parentalidade.

A EDUCAÇÃO INTEGRAL E SUA IMPORTÂNCIA

A educação integral tem diferentes dimensões, além da cognitiva, para formar o aluno não apenas em torno de seu intelecto, mas também em torno de sua formação como pessoa integral que deve aprender a se relacionar, a ter um compromisso social e a se tornar uma cidadania ética. É por isso que quando falhamos na educação integral, falhamos em educar pessoas de várias dimensões, como a dimensão social, a dimensão ética ou a dimensão emocional.

O tempo integral seria um meio a proporcionar uma educação mais efetiva do pon-

to de vista cultural, com o aprofundamento dos conhecimentos, do espírito crítico e das vivencias democráticas. A permanência por mais tempo na escola garantiria melhor desempenho em relação aos saberes escolares, os quais seriam ferramentas para a emancipação. (CAVALIERE, 2007, p. 15)

De fato, a educação integral inclui abordagens da educação em campos tão diversos como o biológico, neurológico, social, cultural, psicológico ou espiritual, e envolve a consideração de aspectos individuais e coletivos, tanto de professores e alunos quanto da população em geral.

Os seres humanos precisam assumir a responsabilidade por suas próprias vidas para colocar suas experiências em um contexto social e, da mesma forma, ajudar os outros a promover ou desenvolver suas próprias sociedades. Quando as pessoas não são responsáveis por todas as suas dimensões como pessoas, elas constroem uma personalidade persistente, improdutiva e violenta devido à crise que a falta de equilíbrio traz às pessoas.

Vários estudos têm sido realizados que mostram que o desenvolvimento integral das pessoas previne comportamentos de risco e problemas psicossociais como evasão escolar, delinquência, abuso de substâncias, violência física e psicológica, entre outros, além de contribuir também para um maior desgaste docente.

Como podemos ver, uma abordagem integral da educação baseia-se na aprendizagem contínua das pessoas, e não apenas durante os dias de aula, mas em todos os momentos de suas vidas. Uma abordagem, em suma, que trabalha para incluir todos os diferentes elementos vistos de forma mais completa e intencional possível na experiência de aprendizagem e ensino, e por isso é tão importante para a formação das crianças, para que possa ser a mais completa possível.

[...]É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescinda da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança[...](FREIRE, 1997, p.90)

O mundo de hoje exige mais do que nunca o desenvolvimento de habilidades abrangentes que permitam que as crianças sejam capazes de lidar efetivamente com todos os aspectos da vida. Sem dúvida, a educação integral torna-se a ferramenta ideal para isso. Esse tipo de formação amplia a visão dos alunos sobre o mundo ao seu redor, permitindo que eles aprendam sobre diferentes perspectivas, ensinando-lhes responsabilidade social e contribuindo para a construção de seu projeto de vida .

A formação integral, como o próprio nome indica, faz uma abordagem completa aos diferentes componentes acadêmicos, sociais, culturais e até artísticos do ensino, tendo como referência os valores e princípios aceitos pela sociedade. As crianças e jovens educados neste modelo são competentes em todas as suas dimensões porque aprendem a se conhecer e isso lhes permite determinar o que podem contribuir em cada cenário de vida.

Neste tipo de educação escolar, desde que os pequenos ingressam na Educação Infantil e ao longo da sua fase de estudante trabalham de todas as áreas na construção de si e do seu papel na sociedade, aprendem a conviver de forma positiva, a estabelecer vínculos assertivos com as pessoas ao seu redor e ser cidadãos construtivos.

As crianças e jovens na educação integral contemporânea aprendem valores e princípios como a hospitalidade, a ética do cuidado, a resolução efetiva de conflitos e a formação de critérios. Tudo isso, por meio de cenários de diálogo, pesquisa e criação coletiva que são criados dentro da escola e promovidos entre as famílias.

Sem dúvida, a formação integral na educação integral contemporânea estimula a liderança, a imaginação, a criatividade, o debate, a produção acadêmica, artística e esportiva; tudo isso enquadrado em um contexto que promove continuamente a formação humana e dá sentido ao projeto de vida que cada aluno constrói. Um modelo comprometido não só com a formação dos alunos, mas também com a construção de uma sociedade melhor para todos.

A escola é, sem dúvida, uma das instituições básicas da sociedade atual, tornando-se a referência fundamental para a incorporação dos indivíduos à vida social; sua consideração como fator-chave no desenvolvimento social o tornou um instrumento fundamental na vida da população ocidental. A escola, como as demais instituições sociais, passou por um importante processo de transformação motivado pelas demandas do novo tipo de sociedade. Vivemos, assim, um momento em que é necessário falar de um novo cenário educativo em que alguns dos elementos essenciais desta instituição social, incluindo as suas funções, estão fadados a mudar.

No entanto, as experiências de escola integral / em tempo integral só serão materializadas no cenário brasileiro em 1950, com a implantação do Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR), na Bahia, seguindo em diferentes épocas históricas, destacando-se o Centro Educacional Elementar (CEE), os Ginásios Vocacionais, passando pelos renomados Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), o Programa de Formação Integral da Criança 58

InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo

Grande, MS, v. 25, n. 50, p. 57-77, jul./dez. 2019 (PROFIC) e os Centros de Atenção Integral à Criança e aos Adolescentes (CAICs) (CARDOSO e OLIVEIRA, 2019, p.1).

Como se sabe, o último século XX abriu aos cidadãos um novo cenário de possibilidades e realidades protagonizado pelas novas tecnologias que logo começaram a transformar suas vidas, em particular, e a da população como um todo. Se em épocas anteriores as revoluções ligadas à transformação dos meios de produção e das formas de organização do trabalho levaram ao surgimento de um novo cenário social, a revolução tecnológica (a chamada "terceira revolução"), centrada nas tecnologias da informação, abre um novo quadro, o da sociedade do conhecimento, da informação.

Todas essas mudanças afetam tanto as esferas mais públicas (a economia, a política), quanto às esferas mais íntimas e privadas dos indivíduos, situação da qual a escola não pode escapar afetando tanto o seu funcionamento (cada vez mais complexo e difícil) quanto o trabalho dos profissionais envolvidos.

Como sabemos, a escola surgiu em um momento histórico muito específico, caracterizado pelas demandas de um novo tipo de sociedade: mesmo correndo o risco de sintetizar demais e esquecer outras abordagens, pode-se dizer que a ordem social estabelecida após as primeiras A Revolução Industrial precisava de um instrumento capaz de transmitir uma nova cultura de trabalho e novas formas de vida. A necessidade de adaptação à vida na fábrica, aos novos ritmos, às formas de trabalho recém-chegadas e até mesmo aos elementos que mediariam a vida das pessoas a partir daquele momento (por exemplo, o relógio), voltou-se para a escola na forma mais agente efetivo dessa nova socialização.

Portanto, se vivemos atualmente uma revolução (a terceira) onde não só mudaram as principais forças que lhe dão vida (comparadas ao carvão, a informação) e onde o conhecimento e a informação se tornam peças-chave do seu desenvolvimento, vale a pena assumir que a escola abandonará suas abordagens anteriores e passará a outras, de acordo com os novos tempos.

Por outro lado, não podemos esquecer que as origens da escola surgiram vinculadas a grupos específicos da sociedade da época: assim, a escola surgiu como uma instituição relacionada à alfabetização de homens, burgueses, pertencentes à cultura dominante e habitantes das cidades.

Diante dessa situação de exclusão da maioria da população, e por meio de um processo dividido em três etapas (exclusão, segregação e integração) que caracterizou a escolarização de grupos marginalizados da instituição escolar, a escola tornou-se em nossas sociedades uma experiência fundamental para a maioria das pessoas (não sem negar, obviamente, as situações de exclusão educacional ainda vividas por diferentes grupos sociais e o caminho inacabado na construção de uma verdadeira escola inclusiva).

Além disso, a escola atual não está apenas enfrentando uma reformulação pedagógica, mas também testemunha o surgimento de novas realidades que a afetam diretamente, da transformação de algumas outras, presentes em seu funcionamento. Se há uma característica que caracteriza atualmente o cenário escolar, é a coexistência de contextos diversos, de espaços educativos constituídos por um corpo discente heterogêneo (em termos de origem, demandas, aspirações etc.) e, em última análise, de múltiplas demandas.

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NA INDISCIPLINA

É muito importante trabalhar de maneira correta e coerente dentro da educação, pois desta forma capacitamos nossos alunos a se tornarem seres pensantes e responsáveis.

A criança com indisciplina é um problema de bastante relevância, e deve ser tratado com a gravidade que ele representa, tendo em vista que na maioria das vezes a escola não está preparada adequadamente para receber tais alunos e acabam tratando os mesmos como um peso para a escola, além de torná-los incapacitados cerceando as oportunidades e dificultando o processo ensino aprendizagem, ainda mais quando percebem que são tratados de forma discriminada.

Distúrbios de aprendizagem e indisciplina são problemas que afetam a capacidade da criança de receber, processar, analisar ou armazenar informações. Podem dificultar a aquisição, pela criança, de habilidades de leitura, escrita, soletração e resolução de problemas matemático.

A escola tem sofrido modificações no sentido de possibilitar formas de ensinar, diferentes daquelas em que o conhecimento como conjunto de regras bem estruturadas, tinha na pessoa do professor o único árbitro.

Cada experiência nova que vivemos, ativa uma série de processos neurológicos, afetivos e cognitivos. Para acessarmos os nossos processos cognitivos (ou seja, aprender) precisamos de uma condição básica; estarmos atentos. Isto reflete diariamente em nossa memória e na aprendizagem.

É muito comum encontrarmos crianças com o tempo de atenção diminuído, algumas atitudes podem auxiliar neste sentido:

trabalhar com postura adequada aos alunos, desenvolver uma rotina estipulada previamente, respeitar os horários estabelecidos.

Considerando-se que as crianças desenvolvem-se de forma aceleradíssima em termos da oralidade, da evolução motora e de novas descobertas, em tempos e em aspectos muito diferentes de uma criança para outra, a avaliação da aprendizagem contempla várias interrogações e indefinições quanto à efetivação, na prática de uma concepção que tenha por intenção a melhoria da ação educativa.

O indivíduo aprende a escrever através de funções de seu cotidiano o que o caracteriza como letrado. A qualidade e as habilidades de domínio da escrita estão ligadas aos níveis de letramento e variam conforme o domínio do código escrito. A escolaridade implica nos níveis de letramento, pois o aprendizado de uma pessoa dentro da escola é completamente diferente daquela que aprende em ambiente familiar. Pessoas com grau de escolaridade baixo ou que nem chegaram a ingressar na escola possuem um nível baixo de letramento, porém não podem ser consideradas iletradas, pois utilizam a escrita para encontrar-se em meio ao mundo.

De acordo com Di Nucci (2005), é preciso fazer da educação um meio de formar cidadãos críticos e respeitosos. Esse é um desafio que permanece, porém para esse desafio ser realizado, é preciso levar em conta que a escola faz parte do nosso processo de aprendizado.

Muitos estudiosos que têm se dedicado a estudar avaliação atrelada à aprendizagem, é preciso que estes professores em formação conheçam, discutam práticas para que a incidência que o ciclo se perpetue diminua ou se acabe.

O mediador é o responsável por trazer a escola técnicas que realizem trabalhos fundamentais que combatam atos inflacionais de alta ou baixa gravidade.

A mediação traz consigo uma construção de atmosfera, que faz com que os alunos construam um ambiente democrático, um desenvolvimento crítico, espírito de liderança, autoestima e habilidades de comunicação. Mas vale lembrar que a mediação não se resume apenas em desfazer conflitos, mas também em melhorar o clima de tensões nas salas de aula entre aluno e professor.

Quando o mediador atua, ele não desenvolve somente um trabalho com o/a aluno/família/escola, ele desenvolve um trabalho que reflete em diversos aspectos escolares que interferem no processo ensino aprendizagem. E para que isso aconteça o mediador precisa ter um espaço no qual seu trabalho possa ser muito bem elaborado e executado.

Com isso, o profissional da mediação precisa ser uma pessoa voltada somente para esse assunto, pois seu trabalho não lhe da uma abertura para novos afazeres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o objetivo do estudo, é possível enfocar a agressividade no âmbito escolar como um fenômeno que existe nos espaços sociais da escola e cujos principais atores, em suas diversas expressões, são os colegas, com fatores de risco que nos definem em suas peculiaridades ações violentas. Dessa forma, é importante ressaltar que é necessário ter a presença de um mediador de conflitos com formação adequada para amenizar os fatores que interferem na violência escolar.

Por meio dessa pesquisa percebe-se que, atualmente, é necessário considerar uma abordagem vinculante com a promoção e cobrança de políticas públicas, que contenham planos e programas de abrangência nacional e que vinculem todos os atores que fazem a vida social na escola, a fim de estimular uma convivência harmoniosa que fortaleça as relações sociais dos alunos nos espaços escolares.

A intenção dessa pesquisa é de conscientizar a sociedade, bem como os professores, gestores escolares, quadros de apoio, entre outros, que a agressividade no âmbito escolar deve ser observada precocemente.

REFERÊNCIAS

BEE. Helen. A criança em desenvolvimento. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. CAVALIERE, Ana Maria. Educação Integral: uma nova identidade para a escola brasileira. Educação e Sociedade, Campinas, v.23, n.81, p.247-270, dez. 2002 FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1997.

POPPOVIC, Ana Maria (Coord.). Pensamento e Linguagem: programa de aperfeiçoamento para professores da 1ª série. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1980.

ROSAS, Fabiane Klazura; CIONEK, Maria Inês. O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem. Conhecimento

Interativo, São José dos Pinhais, PR, v. 2, n. 1, p. 10-15, jan./jun. 2006.

SOARES, Antônio Mateus de Carvalho. Violência, crime e jovens empobrecidos. Sociabilidade e Violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador- Ba. UFBA, Salvador, pp. 124-139, 2004. VEIGA, Daphne Lúcia da; SILVA, Márcia Aparecida da; SILVA, Priscila Andrezza da. A influência da violência domés-

tica no processo de aprendizagem do aluno: estudo de caso – Projeto Aquarela. In: Encontro Latino Americano de Iniciação

Científica. São José dos Campos, SP: UNIVAP, 2009. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/trabalhos_humanas.html. Acesso em 04 dez.2022.